



A resposta das eleições municipais de 2024

Ives Gandra da Silva Martins

Jurista, professor e presidente do Conselho Superior de Direito da FecomercioSP

Um Brasil democrático, e não de esquerda

As eleições municipais de 6 de outubro, com esmagadora vitória da democracia e dos postulantes do centro-direita e um fracasso da esquerda, principalmente da radical, merecem algumas considerações.

A primeira delas diz respeito ao presidente Lula. Em seus dois mandatos anteriores, foi um presidente pragmático, e não ideológico.

O ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, talvez nosso melhor presidente depois da redemocratização, contou-me, certa vez, no meu escritório, na presença de um comum amigo, George Legman, não me tendo pedido sigilo, que, quando Lula liderava as pesquisas em 2002, atacando o sistema financeiro, o dólar chegou a R\$ 4.

Tanto o ministro da Fazenda quanto o presidente do Banco Central sugeriram-lhe pedir um empréstimo-ponte ao FMI para acal-

mar o mercado, que poderia até nem ser usado, pois os fundamentos da economia eram bons. Fernando Henrique, com seu prestígio, obteve o empréstimo com a garantia de que quem fosse eleito cumpriria o acordado.

Ao chamar o candidato Lula, disse-lhe que, se obtivesse o empréstimo, acalmaria o mercado e ele receberia o país economicamente estabilizado; caso contrário, não haveria como segurar o pánico cambial. Teria Lula, pois, que mudar o discurso.

Lula não só mudou o discurso, como um de seus primeiros atos como presidente foi indicar Henrique Meirelles, ex-presidente do Banco de Boston nos Estados Unidos, que era quem mais entendia de economia em seu governo e lhe deu estabilidade. A rigor, foi o verdadeiro ministro da Economia de Lula.

O homem pragmático dos dois primeiros mandatos tornou-se um

ideológico do terceiro, dizendo que tinha orgulho de ser comunista e que colocou um comunista no STF. Hospedou as teses fracassa-

O Brasil democrático reagiu contra essa linha totalitária, em clara sinalização para uma vocação a favor da liberdade

das em todo o mundo albergadas no Foro de São Paulo, promovido pelo PT.

A isso acrescentou sua amizade com ditadores, não condenando a fraude do sangrento autoocrata da

Venezuela, sugerindo que a Ucrânia gostaria da guerra e não queria a paz com a Rússia, paz que seria entregar à Rússia parte de seu território, além de sua amizade com os ditadores Putin e Xi Jinping, da China, e com a mais antiga ditadura da América, que é a de Cuba, sobre ainda apoiar o Irã, que provocou a chacina de 1.300 judeus por meio do grupo terrorista do Hamas e financiou os atentados do Hezbollah em Israel.

Por fim, afasta-se das nações democráticas ocidentais, para unir-se ao Sul Global, sob o comando da ditadura chinesa.

O Brasil democrático reagiu contra essa linha totalitária, votando pela democracia equilibrada da centro-direita, em clara sinalização para uma vocação a favor da liberdade do povo, e não da imposição governamental.

A segunda consideração foi a rejeição dos radicais de esquerda e de direita. O radicalismo perdeu

espaço.

A terceira foi a não interferência da Justiça Eleitoral, como em 2022, em que veículos da mídia tradicional foram proibidos de veicular matérias a favor do ex-presidente, nas duas semanas que antecederam as eleições.

Os resultados desta eleição – em que o partido do presidente obteve apenas 248 municípios entre os 5.570 do Brasil, metade do alcançado pelo partido do ex-presidente, que obteve 510, e menos do que o do chefe da Casa Civil do governo de Tarcísio, em São Paulo, que obteve 838 – devem merecer reflexão do presidente Lula. O próprio partido do governador conquistou muito mais municípios do que o partido do presidente.

A meu ver, ou ele volta a ser o pragmático dos dois primeiros mandatos, governando para o país, e não para o PT, ou creio que os futuros resultados eleitorais serão ainda piores que os atuais.